



UNILAB

Universidade da
Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA INSTITUTO DE
HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

CAROLINA FERREIRA ROCHA

**O EMPODERAMENTO COMO FORMA DE DESCONSTRUÇÃO DA
IMAGEM ESTEREOTIPADA DA MULHER NEGRA NA MÍDIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

CAROLINA FERREIRA ROCHA

**O EMPODERAMENTO COMO FORMA DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM
ESTEREOTIPADA DA MULHER NEGRA NA MÍDIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Clarisse Goulart Paradis.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2018**

CAROLINA FERREIRA ROCHA

**O EMPODERAMENTO COMO FORMA DE DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM
ESTEREOTIPADA DA MULHER NEGRA NA MÍDIA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 25/10/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Clarisse Goulart Paradis (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof.^a Dr.^a Maria Andrea dos Santos Soares

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof.^a Dr.^a Maria Claudia Cardoso Ferreira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

*“Ah! Eu chorei
Quando saí lá de casa
Enfrentei o mundo, eu chorei
Ah! Só eu sei
Que pra chegar onde estou eu confesso lutei,
Eu lutei
Desenga...nos
Foram pra mais de mil
Indiferen...ças, só Deus sabe quem viu
Mas valeu a pena eu sofrer e lutar
...
Peço a Deus pra me ajudar”
(Benito Di Paula)*

*Sabemos que essa é apenas mais uma batalha da vida e que outras e outras virão.
Dedico esse sentimento de felicidade que estou sentindo e essa vitória a minha mãe e a minha
Vó Maria, que não está presente fisicamente, mas sinto ela nessa caminhada o tempo todo.
Essas duas mulheres fantásticas são meus exemplos de guerreiras. Eu zelo pelos sacrifícios
que tiveram em prol das minhas conquistas.
Espero um dia poder retribuir a tudo isso com todos os meus esforços e amor.*

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses anos na UNILAB consegui lutar pelos meus objetivos e ultrapassar os obstáculos, e que tendo força de vontade e fé, posso alcançar cada vez mais meus objetivos futuro. Esses anos na UNILAB trouxeram grandes conhecimentos e novas aprendizagens que levarei para a vida inteira. Agradeço primeiramente a força divina que guia meus caminhos, a minha vó que não está presente em corpo mas sim em alma e presente sempre em meu coração, que sempre me ilumina e guia meus passos, agradeço a minha família Mãe e Pai, as minhas irmãs Jamile e Isabela, as pessoas que me ajudaram a ser quem sou hoje, me ensinaram a ter personalidade, responsabilidade e dignidade, e sempre estão ao meu lado a todo momento me dando força, amor, paz, carinho, conselho e incentivo para que eu possa seguir em frente e nunca desistir do que eu quero. Amo vocês, Família! Quero agradecer também aos meus professores que me ajudaram a chegar onde estou hoje e em especial a minha orientadora Clarisse que sempre me deu incentivo e teve paciência, sempre tentando tirar o melhor de mim. Também agradeço aos meus amigos em especial a Lis, Fátima, Maria, Fernanda, Weslei por sempre estarem ao meu lado me incentivando e me fazendo sorrir, em especial a Maraiza por me incentivar e sempre me ajudar, a Bianca que passamos por tudo juntas e chegamos juntas nessa fase, e a Darlei que nessa reta final me deu incentivo e força para concluir essa etapa. Obrigada a todos que caminharam comigo nesta etapa muito importante de minha vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	7
OBJETIVOS -----	12
JUSTIFICATIVA -----	12
REFERENCIAL TEÓRICO -----	14
METODOLOGIA -----	18
REFERÊNCIAS-----	20

1. INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira, em geral, manifesta um comportamento e cultura machistas e racistas, que acabam afetando com maior intensidade as mulheres negras. Elas são vítimas tanto do machismo como do racismo. As mulheres negras carregam uma carga histórica e social pela qual são discriminadas e, devido a esses fatores, acabam ocupando os espaços menos favorecidos no país. Uma vez que são as que menos têm oportunidades, são também as que menos têm acesso ao ensino superior.

Uma parte significativa das mulheres negras e pobres passam por dificuldades, trabalhando sem direito a descanso, em situações ruins e perigosas, que provavelmente não conseguem nem se posicionar contra. Em troca de pouco dinheiro, sofrendo racismo, agressão física e psicológica.

Até agora foram abordadas algumas situações muito significativas quando se fala da realidade da mulher negra no Brasil. O objetivo disso foi mostrar os inúmeros pontos falhos da sociedade que vivemos perante a mulher negra. E chegamos a seguinte questão de pesquisa: Como o empoderamento e o feminismo de mulheres negras podem ser usados para a desconstrução dessa desigualdade tão visível, dando especial atenção ao olhar somente do desejo para as mulheres negras passada pela mídia televisionista? Diminuindo a opressão, o que é ser uma mulher negra e onde podemos chegar?

O IPEA, em 2013, elaborou o “*Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*”. Segundo essa pesquisa, as mulheres negras constituem 25% da população brasileira, o que significa que elas são a maioria da população feminina no país. Ainda segundo o IPEA (2013), elas representam a maior parcela de desempregados, de pessoas que trabalham sem carteira assinada ou com menor renda domiciliar per capita. São também essas mulheres as principais vítimas de feminicídio do país. Entre 2003 e 2013 esses dados aumentaram cerca de 54,2%, já em relação às mulheres brancas caiu 9,8% (IPEA, 2013).

Outro fator negativo é a representação das mulheres negras na mídia brasileira. Na época carnavalesca circula no país, de forma livre, a comercialização do corpo da mulher negra. Sim, comercialização. E, sobre seus corpos, apenas o olhar do desejo. Afinal, as mulheres em geral têm seu corpo comercializado, mas as mulheres negras são as mais afetadas. Exemplo dessa comercialização podemos ver principalmente no carnaval brasileiro. Na mídia passamos o ano todo vendo uma representação mínima de negros. Quando chega o

carnaval o que se vê? Milhares de mulheres, a grande maioria negras, seminuas. Ali a beleza negra é exaltada: “mulata linda”, “cor maravilhosa”, “corpo lindo”, “mulherão”, entre outros termos. Ressaltando que a “Globeleza”, mulher símbolo do carnaval da Rede Globo, que samba nas vinhetas da emissora completamente nua, apenas com o corpo com algumas partes pintadas, é negra.

Para além da época do Carnaval, elas são representadas muito pouco na mídia, e quando representadas, são postas com papéis não muitos instigantes: empregadas na maioria das vezes, e poucas vezes como protagonista. E quando a protagonista é negra é mostrada de uma forma diferente de outras protagonistas brancas. Um exemplo disso é a novela “Da Cor do Pecado”, da Rede Globo, em um caso raríssimo da personagem principal ser negra a novela tem um nome tendencioso como esse. Nessa novela, a protagonista é Taís Araújo, uma atriz negra, cujo o nome da personagem é Preta, esse nome evidentemente não é conveniente. Não lembro de nenhuma protagonista branca jovem ter seu nome em novela “Branca”. Outro fator que merece ser mencionado é sobre a única Helena negra na novela “Viver a Vida”. Essa personagem foi a Helena menos querida, não pela atuação da atriz, mas sim pelo papel imposto.

Taís Araújo com seu papel de Helena foi humilhada, sendo a primeira Helena de novelas a se ajoelhar e tomar um tapa na cara. Uma fala da atriz em uma entrevista sobre esse papel mostra que ela própria se conscientizou sobre o acontecimento:

É uma puta frustração. Era a primeira Helena negra das novelas e ela tinha que ser um arraso. Mas, dramaturgicamente, era fraca, sem conflitos, tinha a vida ganha. Se eu tivesse forças, teria a transformado numa vilã. Mas estava tão abalada com as críticas, tão frágil, que não tinha forças para pensar. Entrei de cabeça na tristeza e lá fiquei por uns dois anos. Pensei: ‘Minha carreira acabou’(CARUSO,2017).

Os telespectadores brasileiros que acompanham novelas e acabam se envolvendo nas tramas devem se lembrar de pouquíssimos atores negros que interpretam personagens principais ou que tenha um grande peso na ficção. Porém, provavelmente, é fácil de lembrar de atrizes negras que interpretam empregadas domésticas ou escravas. Esses dados só reforçam o que é nítido, ou seja, a representação da mulher negra, e dos negros em geral na mídia brasileira, principalmente nos canais abertos, que é a mínima possível.

Pode-se reforçar essa colocação com a obra de Joel Zito Almeida de Araújo com “*A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira*” (2004). Esse autor analisou as novelas entre o ano de 1963 e 1997, transmitidas pelos principais canais da época: TV Tupi, TV

Excelsior e Rede Globo. Analisando os dados colhido por ele em 98 novelas da Globo, no período da década de 80 a 90, chega-se a uma conclusão já esperada e bem visível: tirando aquelas que giravam em torno da escravidão, em 28 novelas não apareceu nenhum afrodescendente e em 29 um pouco mais de 10% de atores negros. E quando apareceram sua imagem era geralmente estereotipada: subordinados pelo patrão branco, as mulheres negras sempre subalternas e em imagens negativas, quase sempre destacando a sua sensualidade.

Se forem feitas análises das novelas da atualidade esse fato não mudou muito. A novela “Segundo Sol”, que se passa em Salvador-Bahia, os personagens principais são brancos e os negros da novela são extremamente poucos, considerando que é passada no estado onde a maioria da população é negra. Sendo ainda que os negros da novela interpretam personagens estereotipados ou de índole duvidosa: Roberval é filho do patrão com a empregada negra, ganhou dinheiro de forma duvidosa e quer se vingar da “família branca”. A mãe de Roberval, Zefa, aparece como submissa ao patrão branco, que a trata como empregada e nunca como mulher dele e continua servindo ele mesmo o filho sendo rico atualmente na novela. A outra personagem negra bate no marido por ser extremamente ciumenta e Acácio é um personagem neutro que joga capoeira e namorava uma menina branca. Desses citados Acácio é o mesmo estereotipado e que tem pouca influência na trama.

Esse projeto de pesquisa tem um objetivo de trazer reflexão sobre esse assunto abordado e aumentar o debate sobre essa questão, principalmente da mulher negra na mídia. Pois as novelas de canais abertos são importantes espaços para a construção de identidade, pois é um gosto da grande maioria dos brasileiros e acabam envolvendo as pessoas. E o impacto não é só para os brancos que assistem e acreditam que os negros é só aquilo que essas novelas passam. O impacto também são para os negros, principalmente as crianças e adolescentes em formação que também possam acreditar e se limitar a arriscar ou buscar pouca coisa. Porque qualquer pessoa, independente de qualquer coisa, pode chegar onde quiser, mesmo para alguns sendo muito mais difícil.

Letícia Rodrigues (2007), em seu artigo “*O negro e a mídia: Recepção da telenovela por integrantes do Movimento Negro de Santa Maria*”, citando Jesus Martin-Barbero (2006), afirma que “a mídia é essencial no processo de construção da identidade negra, pois é o meio para formação de opinião junto à sociedade”. (BARBERO *apud* RODRIGUES, 2007)

Por muitas vezes, a mulher negra é taxada como a “carne mais barata do mercado”, na verdade a carne negra em si é taxada assim. O “corpinho mais bonito do carnaval é da mulher negra”, e são expostas como objeto sexual. Um dos impactos gerados por isso pode ser visto no turismo. Os estrangeiros, muitas vezes, acham que as “mulatas” são objetos sexuais e

muitos vêm para o Brasil atrás disso, sem contar que os maiores números de estupro no Brasil com as mulheres negras, existindo também o tráfico de mulheres e a prostituição de milhões delas. (VIANA, 2014) As mulheres negras, infelizmente, ainda continuam tendo seus corpos estereotipados e sexualizados. A figura da nega maluca é mais um exemplo de que a mulher negra não pode se representar, e a imagem da nega maluca é passada como uma homenagem à mulher negra. Sendo que essa homenagem tem o objetivo de fazer as pessoas rirem de outra pessoa vestindo uma fantasia cujo nome é nega maluca.

Black face não é homenagem em contexto algum! Black face é racismo! E se vestir de mulher enquanto pratica o black face é dar voz ao patriarcado racista que ridiculariza nossos traços étnicos, que nos paga menos pelos mesmos serviços, que nos negligência em atendimentos médicos, que vende nossos corpos como atrativo turístico e depois nos impede de realizar abortos (GELEDES, 2014).

As mulheres negras precisam de mais incentivos para que, cada vez mais, elas se libertem da sociedade machista, racista, preconceituosa, que todas as mulheres negras sejam livres para serem quem quiserem ser. Chega de desigualdade, de julgamentos. O empoderamento, a luta pelo respeito, pela igualdade de gênero, contra o racismo, são lutas para ter uma visibilidade igualitária, para serem enxergadas como pessoas, como gente, não serem vista como objeto sexual ou como o sexo frágil e, sim ser vista como mulher negra, poeta, cantora, atriz, advogada, médica, eletricista, dona de si, essa luta está avançando constantemente para que as mulheres negras se empoderem.

Os movimentos e lutas das mulheres negras estão tendo grandes efeitos em suas vidas, pois estão cada vez mais exigindo os seus direitos e assim abrindo portas para a liberdade e conquistas de seus espaços.

Apesar dos problemas enfrentados pelos movimentos, seu grito estremeceu as barreiras da exclusão e abriu portas para a liberdade e resgate da sua humanidade, além de introduzir o reposicionamento de concepções e posturas políticas, que colaboraram para o movimento feminista brasileiro se repensar como protagonista na construção de uma sociedade mais democrática.(Meire Viana Alves. GELEDES,2015).

O empoderamento ou empoderar significa dar ou adquirir poder ou mais poder (AURÉLIO, 2018). Empoderamento negro quer dizer mudanças sociais na perspectiva

antirracista, contra o elitismo e sexismo, por meio das instituições sociais e consciência individuais. O empoderamento de mulheres negras é um assunto que vem se desenvolvendo e fortalecendo ao passar dos anos. Tem como objetivo igualar os gêneros, combater o racismo, o preconceito, e promover uma sociedade mais justa para as mulheres negras.

Colocando essas mulheres como capazes de realizar mudanças, tendo um alto poder e persistindo em lutar pelos seus direitos. Tendo um bom posicionamento em todas as áreas, o empoderamento das mulheres negras mostra ser uma prática, uma consciência coletiva para fortalecer as mulheres, porque juntas são bem mais fortes. “É fundamental explicitar as grandes distâncias que ainda separam homens e mulheres e negros e brancos no Brasil. O retrato das desigualdades no Brasil mostra como racismo e sexismo são elementos estruturantes que mantêm as violências históricas contra a população negra” (GELEDES,2015) A trajetória da mulher negra no Brasil, vem sempre sendo como vítima de preconceito e racismo e o empoderamento vem para destruir essas barreiras criada pela sociedade, por isso tem quer ser um discurso mais visível, falado e debatido, principalmente nas mídias, para fortalecer e expandir o objetivo do empoderamento de mulheres negras.

E assim mais mulheres podem se empoderar. Só será possível mudar essa realidade quando a mulher negra brasileira se empoderar e assim vão começar a quebrar as barreiras da exclusão e abrir portas para a liberdade, e sendo protagonista na construção de uma sociedade mais democrática. A mídia sendo essencial no processo de construção da identidade negra não está fazendo seu papel de melhorar essa desigualdade tão visível. Mas existem outros meios usados pelas mulheres negras para disseminarem o empoderamento da mulher negra que vem crescendo muito - videoblogs (*Vlog*), canais de vídeos principalmente no YouTube, que são usados também pela população negra, pelas mulheres, para passar adiante o empoderamento que elas aprenderam. E o quanto fizeram bem para elas se aceitarem e se impor perante a sociedade.

2. OBJETIVOS

● Objetivo Geral

Entender como o empoderamento e o feminismo de mulheres negras fornecem instrumentos para desconstruir a representação estereotipada das mulheres negras na mídia.

● Objetivo Específico

Entender como a mídia pode transmitir uma imagem e estereotipada da mulher negra.

Compreender as consequências da pouca visibilidade de negros na mídia.

Entender o papel da mídia como um meio de identificação e reconhecimento, e o perigo que isso pode ter por passar uma imagem estereotipada da mulher negra.

Entender o conceito de empoderamento produzido pelo feminismo negro.

Analisar como a ideia de empoderamento torna a mulher negra mais forte para combater o racismo e o patriarcado, assim se tornando cada vez mais resistente.

3. JUSTIFICATIVA

A pesquisa se justifica pela importância do assunto tratado, afinal ela envolve mulheres negras que são discriminadas e desfavorecidas tanto pela mídia como pela sociedade como um todo, que insistem em mostrar o mínimo possível do que é ser uma mulher negra. E esse mínimo acaba se tornando o estereótipo que fica fixado quando se fala como é ser uma mulher negra no Brasil. Existem alguns trabalhos acadêmicos relacionados a esse assunto, mas não são tantos. Segunda a autora Rayza Sarmiento (2013):

[...] os estudos preocupados com interseção entre gênero e mídia surgem na década de 1970 e as mulheres foram objetos e sujeitos das pesquisas até a década de 1980 (Gill, 2007; Mendes e Carter, 2008). O olhar sobre o masculino marca os anos 2000 e sua emergência também problematiza a construção, até então não questionada, da masculinidade nos espaços de visibilidade midiática. Os diferentes enfoques conceituais que marcam a segunda onda do feminismo também contribuíram para a diversidade de pesquisas sobre gênero na Comunicação, mais próximas de particularidades (tais como feminismo negro, lésbico) e mais sensíveis às realidades nas quais estão inseridos (contextos pós-colonialistas) (Mendes e Carter, 2008. Ano 2013) (SARMENTO,2013, p.2)

Essa seria mais uma forma de contribuir positivamente para a causa da mulher negra. Tentando mostrar uma possibilidade de saída para essa desigualdade e para a forma que a mulher negra é representada na mídia, e reconhecendo que através do empoderamento e do feminismo negro podemos combater a desigualdade e a imagem estereotipada passada pela mídia. Sabemos que esse tipo de mudanças não ocorrem em períodos curtos. Mas a tentativa é uma esperança de conquista.

O intuito de criar esse projeto tem o objetivo de contribuir para empoderar cada vez mais mulheres negras e mostrar que a mulher negra pode sim ter a visibilidade de forma justa na mídia e o empoderamento vem para influenciar uma vida melhor e para dar voz a essas mulheres. Assim, esse projeto tem uma perspectiva do feminismo negro, que traz como

resultado dessa luta feminista negra as ideias e experiências das mulheres negras para conseguir uma visibilidade maior e de forma justa de quem realmente é a mulher negra e para mostrar que as mulheres podem sim e tem os mesmos direitos que os homens e também para mostrar uma visibilidade que é muito necessária para desconstruir os estereótipos criados pela sociedade e pela mídia.

Esse trabalho também é relevante ao mostrar que a mídia tem um papel importante, pois é um meio de transmitir imagens, e com isso as pessoas se auto reconhecem e se autoidentificam com papéis passado pela mídia. Nessa pesquisa, tenho o intuito de mostrar como a mídia, por ter esse poder, pode prejudicar as formas de reconhecimento das mulheres negras, pois a imagem da mulher negra passada pela mídia é estereotipada e muito diferente da imagem de mulheres brancas. No entanto, esta pesquisa mostra como o empoderamento pode ser uma chave para essa forma de auto reconhecimento e identificação.

O empoderamento nessa pesquisa aparece como a forma para fazer uma desconstrução do que se passa na mídia. Uma mulher empoderada vai saber onde e quando pode se reconhecer e se autoidentificar, pois o empoderamento é uma chave de liberdade, permite perceber quando está sendo oprimida, perceber também o patriarca e saber que as mulheres têm os mesmos direitos de um homem.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Empoderamento é um termo que está sendo muito utilizado. Ele abrange tantas áreas das nossas vidas, a ideia é se libertar de tudo aquilo que te prende e te impede de ser você, é ter seu poder, é a capacidade de se autorealizar, de ter a mudança necessária para evoluir e se fortalecer, é tomar suas próprias decisões, conhecer suas capacidades. Uma mulher empoderada não é vulnerável à manipulação, ser empoderada é ter voz para falar o que quiser, é fazer suas próprias escolhas, é ter sua própria opinião. É conquistar mais liberdade, ter autonomia, empoderar é saber de assunto que diz ao seu respeito, empoderar é ter sua identidade é se reconhecer.

Segundo Cecília M. B. Sardenberg, citada no livro de Joice Berth, “O que é empoderamento” (2018)

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos. (SARDENBERG *apud* BERTH, 2018.)

A ideia de empoderamento está no centro das discussões do feminismo negro. Mesmo o feminismo abrangendo várias pautas importantes é de interesse também estudá-lo para poder ter um melhor entendimento e saber sobre sua luta:

Na definição da teórica feminista negra e ativista Pearl Cleage (1993:28), o feminismo é definido como “a crença de que as mulheres são seres humanos plenos, capazes de participação e liderança em toda a gama de atividades humanas – intelectuais, políticas, sociais, sexuais, espirituais e econômicas” (CLEAGE *apud* COLLINS, 2017, p.1). Em seu sentido mais amplo, o feminismo constitui tanto uma ideologia como um movimento político global confrontando o sexismo – uma relação social na qual os homens, como um grupo, têm autoridade sobre as mulheres enquanto grupo. (COLLINS, 2017, p.1)

Na maioria das vezes, as mulheres negras estão sempre sendo colocadas no lugar de inferior aos brancos e brancas e a luta da mulher negra é direcionada para a igualdade de

gênero, igualdade salarial, contra o racismo, contra a violência obstétrica, contra a mortalidade. A luta das feministas está evoluindo e o resultado disso é visto na conquista do direito ao voto, ao estudo, direito na participação política e na vida pública, lembrando que o lugar considerado da mulher sempre foi o de dentro de casa, sempre sendo oprimida e tida como inferior ao homem, mais esse quadro está mudando a cada dia.

O movimento negro exerce uma ação marcada, sobretudo por um discurso e reivindica o pleno reconhecimento da cidadania negro, baseado na preservação e valorização das tradições culturais de origem africana, na reinterpretação história na denúncia de todos os fatores de desenraizamento e de alienação que atinge a população negra.(D'ADESKY *apud* HELBORN.ARAUJO.BARRETO,p.203)

Pensar em feminismo negro é pensar em uma forma de entender a realidade é pensar o feminismo negro como um mecanismo para mudar essa situação, o feminismo negro é a luta pela busca da sua identidade, da sua ancestralidade, e é um meio de alcançar a igualdade de gênero, superar a opressão, exploração, e as más condições de vidas que são vividas também por mulheres brancas, que ainda são oprimidas e exploradas, principalmente aquelas da classe trabalhadora, só que evidentemente, as mulheres negras sofrem uma opressão cruzada ou interseccional por enfrentarem tanto o racismo, quanto o sexismo. As mulheres negras vivem essa triste realidade de forma muito mais acentuada ainda hoje.

O movimento feminista luta contra a opressão, para que a cada dia esse quadro possa mudar e libertar cada vez mais mulheres. A luta feminista objetiva a liberdade, direitos iguais, representação e visa mostrar que a mulher negra tem sim os mesmos direitos que homens e mulheres brancas têm, mostrando a cada dia que o feminismo vem quebrando os estereótipos, o preconceito e o racismo para mudar a realidade da mulher negra. Uma das características fundamentais do feminismo negro é luta contra o racismo também.

O racismo, segundo Kabenguele Munanga (2003), é embasado na ideia de raças e hierarquias, é uma ideologia essencialista pautada na divisão de grupos de pessoas por meio de "raças", logo de características físicas possuindo relação direta com características psicológicas, morais e comportamentais, e que, em decorrência disso, existem "raças" superiores e inferiores.(MUNANGA *apud* GROSSI; PILAR, 2018,p.205)

O racismo pode ser considerado como uma forma de desvalorizar e diminuir uma pessoa, a partir da ideia de que existe uma raça que se acha superior a outra. O racismo que mais vemos no dia a dia é o racismo contra a raça negra, quem vem de séculos passados no período da escravidão, e nos dias de hoje as pessoas de raça negra sofrem muito racismo, a

partir do seu cabelo crespo, do nariz, da cor da pele que enquanto mais retinta for, o racismo é maior. Ser negro em uma sociedade racista é sentir todos os dias os olhares de curiosidade, olhares maldosos, os dedos a apontados nas ruas.

O racismo é bem visível quando uma pessoa negra entra em uma loja e é seguido pelo segurança, é ser barrado na entrevista de emprego só por sua cor e do seu cabelo, é correr na rua e todos acharem que é ladrão. É infelizmente essa é a triste realidade. E quando se fala da mulher negra, o racismo ainda é mais complexo pois a maioria da sociedade tem uma visão errada sobre a mulher negra sobre e o seu corpo, ser mulher negra em uma sociedade tem que ter uma visão estereotipada e machista, é andar nas ruas assustada, é se privar de sair em determinados horários, se privar de usar determinadas roupas, é sempre ser confundida com a babá ou com a faxineira, e isso é mostrado repentinas vezes pela mídia.

O racismo está estampado em cada canto, em cada olhar, em cada mão que é levantada a uma mulher, está na desvalorização da mulher negra, está na pessoa machista. Mas as mulheres negras estão lutando a cada dia e estão cada vez mais forte com essas lutas. Um passo importante para as mulheres negras é ter resistência e se sentir representada de alguma forma, só que se torna algo difícil quando de nenhum jeito a mulher negra é representada. “Segundo o dicionário Aurélio “Resistência significa força por meio da qual um corpo reage contra a ação de outro corpo, defesa contra o ataque, oposição, delito que comete aquele que não obedece à intimação da autoridade.” (Aurélio, 2018)”. Resistir é o que as mulheres negras fazem todos os dias, passando por barreiras do preconceito, racismos e desigualdade, e vão sempre a procura da sua identidade, persistindo nos seus valores ancestrais e passando para seus descendentes. A mulher negra vem buscando essa resistência no feminismo e no empoderamento, que são grandes lutas alcançadas a cada dia.

A representatividade da mulher negra tem sido mínima na mídia. “Segundo o dicionário Aurélio “representatividade significa caráter do que é representativo, qualidade reconhecida a um homem, a um organismo, mandatado oficialmente por um grupo de pessoas para defender os seus interesses.” (Aurélio, 2018)”. Sendo assim, a representatividade da mulher negra é negada na sociedade, olhando ao redor no mundo em que vivemos podemos perceber a falta de representação da mulher negra. Se vamos a uma loja de brinquedos tem diversas bonecas brancas e é raro ter nas prateleiras uma boneca negra, quando abrimos a revista de moda só tem mulheres brancas, em propagandas, e de forma em que é passado mostra que a mulher negra não tem visibilidade, nem representatividade.

“Com relação a mídia, na qual, especificamente as novelas e propagandas apresentam um pequeno contingente de pessoas negras e apresentação recorrente da mulher negra como

empregada doméstica, há uma sub-representação da mulher negra da mídia (GROSSI; PILAR, 2018, p.201.)”:

O movimento de mulheres negras vem ao longo dos anos trabalhando a representação da população negra nos meios de comunicação, que vai paradoxalmente da invisibilidade total à visibilidade estereotipada, e sobre os efeitos nocivos que essa representação tem causado em relação a sua baixa autoestima. As telenovelas brasileiras representam o paradigma em relação a essa (sub) representação. (IRACI,2009,p.33.)

Um meio importante de representatividade é a mídia e uma importante fonte para representação de pessoas e divulgação de produtos, objetos, também um meio de reconhecimento. A mídia tem um poder, ainda que, nos estudos de mídia, se nega essa ideia simplista de manipulação. Essa ideia parte do pressuposto que as pessoas que assistem TV não tem capacidade cognitiva de julgar o que veem, e isso é muito complicado, mais do que manipular, a mídia oculta muitas realidades e acaba não contribuindo com a luta pela ampliação da representatividade, por retificar os estereótipos de raça e gênero.

A mídia tem a facilidade de adquirir a atenção do público e pode virar um meio de construção de identidade e as mulheres negras não são muito bem representadas e sim são mostradas de forma estereotipada, mostrada em papéis onde é exposto o seu corpo, ou em papéis de empregadas, escravas e babás, e com isso torna difícil uma mulher negra se sentir representada.

O domínio que a mídia tem sobre seus espectadores pode interferir na representatividade das pessoas e com isso tornando mais difícil para a mulher negra conseguir se representar, pois quando não se é representada é difícil de se sentir presente, e dificulta também na construção da sua identidade. “As atrizes negras representam papéis de mulheres que geralmente não circulam nos mesmos espaços que as protagonistas das novelas, geralmente brancas e loiras, apenas no espaço privado, e que, junto as loiras, apenas "moreninhas claras" são permitidas (GROSSI; PILAR, 2018, p.201.). A mídia tem essa mínima representação de mulheres negras, e a forma com que eles acha que deve representá-las é de formas diferentes de mulheres brancas e homens brancos, causando a falta de representação e a exclusão da mulher negra. Por tanto é muito importante planejar e pensar o mundo mais justo e honesto onde as mulher negras consigam se sentir representada.

Um exemplo disso, é a campanha de Deddeh Howard: uma mulher negra liberiana, que vive atualmente nos EUA e desenvolveu um projeto chamado Black Mirror("Espelho

Negro"), onde ela "recriou campanhas de marcas famosas e mostra que as mulheres negras ainda estão distantes de alcançar a representatividade no mundo da moda" (HYPENESS, 2016).

O empoderamento da mulher negra é uma luta construtiva onde dar o direito e voz própria é uma arma para conquistar seu espaço, e o empoderamento nesse trabalho vem de forma para desmistificar o olhar passado pela mídia para sociedade e para própria mulher negra, pois uma mulher empoderada vai saber se deve ou não se identificar e se sentir representada com a imagem transmitida pela mídia, sendo assim vai poder construir sua própria identidade.

5. METODOLOGIA

A pesquisa em questão é do tipo exploratória, focada em analisar um campo de conhecimento que atualmente está crescendo em termo de discussões. Essa pesquisa está ancorada na metodologia qualitativa. A seguir serão expostas algumas etapas macros da metodologia para responder a questão deste trabalho:

A revisão bibliográfica será o primeiro momento da pesquisa, dedicado à definição das fontes, que serão utilizadas ao longo do estudo, ou seja, as/os autoras/es que servirão de base para o desenvolvimento do trabalho e a exploração de trabalhos relacionados. Após a revisão bibliográfica, a pesquisa irá desenvolver o trabalho de campo, a partir de entrevistas semiestruturadas. Como afirma Gaskell (2000):

Toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (O entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de idéias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento. (GASKELL, 2000, p,74)

As pessoas que serão entrevistadas serão mulheres a partir de quinze anos até os 60 anos - adolescentes, adultas, e idosas. Conforme os objetivos da pesquisa, as entrevistas visam saber se elas se sentem representadas na mídia brasileira e qual o papel do feminismo negro para seu empoderamento. Nessa pesquisa usarei o método de entrevista individual, que é uma

conversação entre o entrevistador e o entrevistado, que dura em média uma hora a uma hora e meia (Gaskell, 2000, p.88).

De acordo com Gaskell (2000), ao começar, o entrevistador faz alguns comentários iniciais sobre o assunto da pesquisa e agradecimentos, assim deixando o entrevistado mais à vontade para poder falar e responder as perguntas. O entrevistador tem que ser descontraído, espontâneo, e ter paciência, e respeitar o espaço do entrevistado, tendo cuidado com a forma que irá fazer as perguntas. Para fazer essa entrevista é preciso seguir alguns passos segundo Gaskell (2000), que começa no preparo do tópico guia, e logo em seguida tem que selecionar o método de entrevista que nesta pesquisa será o método individual. É necessário também delinear uma estratégia para a seleção dos entrevistados e realizar as entrevistas, transcrevendo-as e, por último, analisar o corpus do texto.

Pretendo realizar essa pesquisa em alguns lugares da Bahia, na cidade onde está localizada a UNILAB que é em São Francisco do Conde e na cidade vizinha, Santo Amaro, fazendo depoimentos em forma de enquetes onde irei adquirir depoimentos com o intuito de ter esclarecimento de uma questão, podendo ser anônimo ou não, será da escolha de cada mulher.

Como uma forma de agradecimento a todas as mulheres entrevistadas e também como desdobramento dos resultados da pesquisa, pretendo fazer um *book* fotográfico com mulheres empoderadas que participaram das entrevistas. Pretendo também desenvolver esse trabalho também em forma de palestras, oficinas, onde mulheres empoderadas possam contribuir para empoderar outras mulheres, especialmente a partir de debates, rodas de conversas, em escolas, universidades, ONGS.

REFERÊNCIAS

AGENCIABRASIL. **Em 10 anos, assassinatos de mulheres negras aumentaram 15,4%.** <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-06/em-10-anos-assassinatos-de-mulheres-negras-aumentaram-154>. Acessado em: 25 de setembro de 2018.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil. O negro na telenovela brasileira.** 2.ed. São Paulo: Senac, 2004.

COLLINS, Patricia Hill. **O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso.** p. 11, 2017.

<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa18094449201700510018.pdf>. Acessado em: 25 de setembro de 2018.

Dicionário Aurélio de Português Online. **Empoderar** Disponível: <https://dicionariodoaurelio.com/empoderar>. Acessado em: 10 de outubro de 2017.

Dicionário Aurélio de Português Online. **Representatividade.** Disponível: <https://dicionariodoaurelio.com/representatividade>. Acessado em: 28 de setembro de 2017.

Dicionário Aurélio de Português Online. **Resistência** Disponível: <https://dicionariodoaurelio.com/resistencia>. Acessado em: 28 de setembro de 2017.

GELEDES. **O empoderamento necessário.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/> Acessado em: 10 de outubro de 2017.

GELEDES. **Feminismo negro: violências históricas e simbólicas.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/feminismo-negro-violencias-historicas-e-simbolicas>. Acessado em: 10 de outubro de 2017.

GELEDES. **Nega maluca: black face é racismo!** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nega-maluca-black-face-e-racismo> Acessado em: 10 de outubro de 2017.

SOUZA, Lara Morais. **Já que é pra tomar... Tombei! O Rap nacional feminino como ativismo e empoderamento da mulher negra.** Universidade de São Paulo – USP. Disponível em: http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/artigo_final_-_lara_morais_de_souza_-_midcult_2015.pdf Acessado em: 14 de outubro de 2017.

GELEDES. **O Movimento da Mulher Negra Brasileira: Historia Tendência e Dilemas Contemporâneos.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-movimento-da-mulher-negra-brasileira-historia-tendencia-e-dilemas-contemporaneos/>. Acessado em: 14 de setembro de 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br>. Acessado em 12 de outubro 2017.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Dossiê Mulheres Negras: retratadas condições de vida das mulheres negras no Brasil.** Disponível em:

http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf. Acessado em: 12 de outubro de 2017.

GROSSI, Pilar. BONETT, Lima. **Caminhos Feministas no Brasil: teorias e movimentos sociais**. .ed. - Tubarão (SC): Copiart; Florianópolis (SC) : Tribo da ilha, 2018.

LIMA, Mercedes. VICENTE, Terezinha. **O controle social da Imagem da Mulher na Mídia**. São Paulo:Caderno de Textos, 2009. 7, 33-34 p

HEILBORN. Luiza. ARAUJO, Leila. BARRETO, Andreia. **Gestão de Políticas Públicas em Gênero de Raça|GPP-GeR: Modulo III**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

DAVIS Angela. **Mulheres. Raça e Classe**; tradução Hece Regina Candiani.São Paulo: .ed. - Boitempo, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: .ed. Companhia das Letras, 2018.

SANTANA, Juliana Mendes. **Monografia sobre A Representação da Mulher Negra na Teledramaturgia Brasileira**. Disponível em:

<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfjFsAE/monografia-sobre-a-representacao-mulher-negra-na-teledramaturgia-brasileira>. Acessado em: 14 de setembro de 2018.

RAIMUNDO, Valdenice José. GEHLEN, Vitória. ALMEIDA, Daniely. **Mulher negra: inserção nos movimentos sociais feminista e negro** Disponível em:

<http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/valdenice.pdf>. Acessado em: 25 de setembro de 2018.

CAMPOS, Luiz Augusto. **RACISMO EM TRÊS DIMENSÕES Uma abordagem realista-crítica**. Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n95/0102-6909-rbcsoc-3295072017.pdf>. Acessado em: 25 de setembro de 2018.

CHAVES, Maria Laura Barbosa. **O NEGRO NA MÍDIA BRASILEIRA**. Disponível em:

<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1951/2/20427316.pdf>. Acessado em: 14 de setembro de 2018.

VIANA, Alba Jean. SOUSA, Eduardo Sérgio. CARVALHO, Mércia Gomes. OLIVEIRA, Ana Carolina. VAZ, Luciana Manguieira. **VIOLÊNCIA CONTRA A SAÚDE DAS MULHERES NEGRAS: A CASO OU PRÁTICA SOCIAL?** Vol. 14 - n. 20/21, janeiro a dezembro de 2013. Disponível em:

<http://revistatema.facisa.edu.br/index.php/revistatema/article/view/171/pdf>. Acessado em: 25 de setembro de 2018.

RODRIGUES, Letícia de Abreu. **O negro e a mídia: Recepção da telenovela por integrantes do Movimento Negro de Santa Maria**. Rio Grande do Sul: UFSM, 2004.

Acessado em: 11 de setembro 2018.

ARAÚJO, Taís. **Taís Araújo. Depoimento** [jul. 2017]. Entrevistadora: M. Caruso. Entrevista concedida a Revista Marie Claire. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2017/07/entrei-de-cabeca-na-tristeza-e-la-fiquei-por-uns-dois-anos-diz-tais-araujo-sobre-seu-papel-como-helena.html>. Acessado em: 25 de dezembro de 2018.

JUSTINO, Naiara. **Naiara Justino. Depoimento** [jun. 2016]. Entrevistador: UOL, em São Paulo. Entrevista concedida a TV e Famosos. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2016/06/02/me-senti-usada-diz-nayara-justino-sobre-ter-sido-globeleza.htm> Acessado em: 15 de outubro de 2017.